

O mundo contemporâneo vem sendo palco de muitas mudanças. A pandemia acelerou algumas delas. Mas nem toda mudança é boa. As mudanças que ocorreram a partir de 1980 não foram nada boas. Uma nova era do capitalismo se iniciou e as coisas ficaram piores do que já estavam. Algumas melhorias ocorreram, mas relativas e poucas, especialmente no âmbito das relações entre as classes sociais. O mundo ficou mais sombrio, mais narcisista, hedonista, egoísta, menos humanista. Aumentou a pobreza e aumento a riqueza, pois a primeira alimenta a segunda.

Mas, dentro do capitalismo renovado por um novo regime de acumulação, há mudanças. Assim como todos os regimes de acumulação, ele surge, se consolida, e começa a sua luta por permanecer, seja gerando alterações parciais, seja radicalizando alguns de seus elementos. Uma vez que começa a desestabilização, começa pequenas mudanças. Sem dúvida, algumas mudanças sociais e culturais já vinham se delineando, tal como os primeiros sinais de esgotamento do neoliberalismo e da atual fase do capitalismo – o regime de acumulação integral. Esse processo, no entanto, ganhou novos contornos com a pandemia do coronavírus. O que a pandemia mostrou é não só a produção capitalista de doenças e sua generalização, como também a sua incapacidade de fornecer respostas rápidas e eficazes, além dos limites impostos por suas características, tal como a entropia, a força dos mercados e dos interesses capitalistas, entre outros processos típicos dessa sociedade desumanizada e desumanizante. Porém, a pandemia mostrou algo mais: a urgência da transformação radical e total das relações sociais e a necessidade da arte contribuir com esse processo.

* Gregório Bogoloff é um artista intervencionista.



Assim, as já aludidas mudanças sociais e culturais, reforçadas pela pandemia, devem agitar o mar da mesmice da esfera artística dominada pelo mercado. A arte mercantilizada perdeu a qualidade, a graça, a força, a utilidade. A arte contemporânea é sem qualidade (com raras exceções), sem graça, sem força, inútil. Para a arte voltar a ser algo além de mera mercancia ou mercadoria é necessário que ela seja intervencionista! E uma arte intervencionista aponta para a transformação radical e total da sociedade. A pandemia e o esgotamento do neoliberalismo reforçam a necessidade da arte se vincular com a vida real e com seres humanos reais, que necessitam de uma sociedade humanizada. A urgência da revolução deve ser declarada em alto e bom som¹. Chega de remendos, reformas, troca de governos, assistencialismo, etc. Chega de conservadorismo, chega de reformismo! É hora de revolução!

E quem fará a revolução? Sendo a revolução social, será a maioria da população, especialmente o proletariado e seus aliados. É uma revolução total e que envolverá a totalidade da população, embora alguns, viciados na miséria cotidiana do capitalismo, ainda vão querer permanecer em seu vício miserável e por isso a luta será feroz, mas vencerá a maioria, ou então ela perecerá, e com ela toda a humanidade.

Esse é o momento para realizar um chamado para todos os artistas, de todas as formas de artes, bem como os iniciantes, os admiradores, os amadores, os profissionais, no sentido de produzir uma arte revolucionária, intervencionista, abandonando os sonhos narcisistas infantis de “arte pela arte” e coisas semelhantes, abandonando a acriticidade diante dos modismos, inclusive o subjetivista, e adotando a criticidade e a radicalidade como ponto de partida. A arte deve aprender com a pandemia que o seu silêncio ou conivência diante do reino do capital significa sua morte enquanto arte e o seu apoio para a morte da humanidade.

Catastrofismo? De forma alguma! Essa é uma tendência.

¹ Se algum gramatiquero afirmar que “em alto e bom som” está errado, por não ter a preposição, dizemos para eles, *em alto e bom som*, que, tal como Lima Barreto, não ligamos para a gramatiquice nacional. Além de haver controvérsias sobre isso, sem a preposição o significado não é exatamente o mesmo. Se alguém afirma que “vou dizer, em voz alta, que os gramáticos são meios surdos” é diferente dele falar “vou dizer, voz alta, que os gramáticos são meios surdos”. Sem dúvida, os gramáticos continuam meio surdos em qualquer um dos dois casos, e em todo os demais casos, mas afirmar isso “em voz alta” é diferente de “voz alta”, pois no primeiro caso se destaca a intenção de ser o mais claro e audível que é permitido ser.



E basta sair nas ruas e ver as milhões de máscaras cobrindo os rostos para ver que tem algo errado. Antes da pandemia o uso de máscaras já era generalizado. As máscaras da hipocrisia, as máscaras das personas, as máscaras que encobriam as sombras, as máscaras dos capitalistas exploradores, dos burocratas dominadores, entre outras máscaras. Máscaras e mais máscaras! Todos somos mascarados!? Que todos retirem as máscaras! Mas se quem anda pela rua vê apenas aparências, então não verá essas máscaras metafóricas. Porém, depois da pandemia, verão máscaras reais.

As máscaras reais são máscaras de proteção. Essas existem e são legítimas. As máscaras de proteção contra o vírus são tão legítimas como o uso de pseudônimos por escritores ou de máscaras pelos super-heróis, pois visa a proteção contra o inimigo, contra o Estado, contra o poder, contra o capital. A máscara de proteção é aquela que permite ao indivíduo lutar e não pagar caro demais por isso ou conseguir lutar melhor dentro de determinados contextos. A internet gerou milhões de novos mascarados, sejam os das máscaras do poder, do capital, da hipocrisia, da morte, seja o das máscaras da arte, da luta pela transformação. Existem “perfis fakes”! Eles são máscaras! O que interessa é a serviço de quem e/ou com qual objetivo! O objetivo é apenas se esconder para atacar outros indivíduos por causa de competição social? O objetivo é divulgar ideias humanistas e/ou revolucionárias? Veja que a máscara pode ser usada para o melhor e para o pior.

Os artistas usam máscaras e sempre usaram. A obra de arte (uma pintura, uma música, um filme, uma escultura, uma peça teatral, etc.) são máscaras usadas por seus criadores para dizerem o que querem dizerem via personagens, são personas!² O que importa é quais máscaras usam! A máscara de proteção e para a luta pela transformação ou a máscara do carrasco e da morte? A máscara que esconde o assassino ou a máscara que revela o revolucionário? Eis o dilema que a pandemia coloca agora para os artistas. Não há como mais adiar ou omitir, é preciso intervir revolucionariamente! Não há mais como ficar “por cima do muro”, pois é necessário destruir o muro! Então, artistas de todo

² Antes usamos “persona” no sentido psicanalítico, mas agora usamos no sentido comum, que expressa principalmente questões relativas à produção artística, e, nesse caso, persona é o “personagem literário em que o autor se encarna”.



o mundo, façam a arte valer a pena! E ela só valerá a pena se for intervencionista e se colocar ao lado do humanismo e da revolução!

Vol. 05, num. 09, 2021.

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões

[4]

